W. Thomas Boyce

A criança orquídea

Por que algumas crianças têm dificuldades e o que fazer para que todas floresçam

TRADUÇÃO
Renato Marques

Material com direitos autorais

Nota introdutória

Narradas por um médico cujo objetivo é retratar a vida e os altos e baixos de seus jovens pacientes, as histórias que se seguem evocaram lembranças dos meus tempos de estudante de medicina com o médico e escritor William Carlos Williams. O dr. Williams costumava fazer frequentes visitas domiciliares e, dessa forma, conseguia saber onde e como as crianças que ele conhecia viviam, passavam o tempo e, sim, refletiam sobre os desafios, as oportunidades e as agruras da vida. Assim faz também o dr. Boyce, que nos permite, como sortudos leitores, conhecer a vida dos jovens que ele examina e trata em seu trabalho como médico, propiciando que façamos a mesma ponderação. "Apenas conecte-se", disse o escritor E.M. Forster, e neste volume nos conectamos, nos percebemos contemplando acerca de que maneiras uma ampla e variada gama de jovens enfrenta os problemas e obstáculos da vida, e é assim que esses jovens nos revelam — por meio dos olhos, ouvidos, mente e coração de seu médico — muita coisa sobre o sofrimento humano, mas também sobre a coragem, a bravura e a resiliência que muitos demonstram, mesmo quando ainda crianças, e além.

Robert Coles
Concord, Massachusetts

Material com direitos autorais

2017

Material com direitos autorais

Prefácio

Este é um livro impressionante e importante — uma compilação de ideias e pesquisas —, que revela os profundos fatores pré-natais e perinatais que afetam o posterior desenvolvimento do bebê e da criança. O dr. Boyce identifica um grupo especial de crianças — "orquídeas" — que se destacam em meio a grupos de crianças com desenvolvimento mais típico, ou "dentes-de-leão". As crianças orquídeas são singularmente frágeis, que precisam de cuidados especiais para atingir o seu melhor. As crianças dentes-de-leão são mais resistentes, e talvez superem quaisquer dificuldades, mas quase sempre são medianas ou comuns em termos de resultados.

O dr. Boyce delineia um argumento e o corrobora com pesquisas convincentes para mostrar que o desenvolvimento das crianças varia muito devido às interações peculiares entre seus genes e ambientes. Essas interações começam no útero, pois o feto já é influenciado por estressores, pela nutrição e pelas emoções da mãe antes do parto. A mãe e o feto se esforçam para adaptar-se a essas influências, como se estivessem se preparando para lidar com as mesmas condições após o nascimento. Assim, um feto cuja mãe está estressada, come mal ou está deprimida antes do nascimento pode tornar-se um recém-nascido com altos níveis de hormônios do estresse, vigilância excessiva e uma capacidade reduzida de prestar atenção aos processos de aprendizagem.

Material com direitos autorais

Por outro lado, os bebês cujas mães não estão estressadas nem deprimidas, querem tanto o parto que mal podem esperar para dar à luz, e comem e dormem bem, estão excepcionalmente prontos para aprender, encetar relacionamentos efetivos e desenvolver-se de maneira primorosa. Esses bebês serão mais capazes de aprender a autorregulação (por exemplo, chupando o polegar ou sugando os dedos para se acalmarem de um aborrecimento). Uma mãe que imediatamente começa a estimular, segurar, acariciar, abraçar e amamentar seu recém-nascido, conversando com ele com voz suave, transmitirá os ingredientes essenciais para um desenvolvimento saudável e positivo.

Esses eventos refletem-se no epigenoma do bebê, levando, conforme Boyce demonstra, ao consequente surgimento de bebês orquídeas ou dentes-de-leão. Todos os pais precisam ter a chance de entender o temperamento de seus bebês e as diferenças individuais desde o início. Para facilitar esse entendimento, um pediatra, neonatologista ou enfermeiro experiente pode traduzir as aptidões do recém-nascido e ensinar aos pais de que modo o comportamento de um bebê pode servir como uma linguagem útil, ajudando-os a se tornarem pais sensíveis e excelentes. Essa compreensão da criança e de seu comportamento pode engrandecer a forma de cuidar dos filhos e a sensibilidade de todos os pais.

Em minha prática como pediatra em Cambridge, Massachusetts, me preocupo com pais amorosos que tentam proteger seus bebês e crianças de qualquer tipo de estresse. É importante que recém-nascidos e crianças pequenas desenvolvam cedo suas próprias maneiras de lidar com o estresse e as dificuldades. Esses mecanismos autorreguladores devem ser adquiridos e praticados ao longo da primeira infância, tanto por crianças orquídeas como por dentes-de-leão, de modo que se

Material com direitos autorais

preparem para estar à altura das adversidades que todas as crianças acabam por enfrentar.

Espero que todos os pais e profissionais (médicos, enfermeiros, especialistas em primeira infância, professores) leiam este livro a fim de obter ajuda para entender de que modo diferentes crianças, como as orquídeas e os dentes-de-leão, se desenvolvem e crescem. Ele contribuirá para a compreensão das melhores formas de criar cada criança, especialmente aquelas que mais desafiam as abordagens convencionais de como as crianças devem ser tratadas, ensinadas e cuidadas.

T. Berry Brazelton, doutor em Medicina
Barnstable, Massachusetts
2017

Material com direitos autorais

Introdução

E se as crianças com quem mais nos preocupamos fossem na verdade aquelas com o maior potencial? E se aqueles jovens cuja vida é marcada por caos, turbulências e dificuldades fossem de modo plausível os herdeiros do mais brilhante e criativo futuro? E se infâncias aparentemente infelizes e conturbadas pudessem dar lugar, sob condições de estímulo e apoio, a adultos que levam não apenas uma vida meramente normal e de conquistas medíocres, mas também relacionamentos profundos e fecundos e realizações inspiradas? E se até mesmo os fardos muito concretos da fragilidade incomum de uma criança pudessem ser remodelados, sob condições de responsividade, para assumir a configuração de vantagens tangíveis da resiliência humana? Em suma, e se as aparentes fragilidades e desarranjos da vida de alguns jovens fossem passíveis de redenção — por meio da alquimia de famílias ou comunidades carinhosas e cuidados transformadores?

Este livro é a história de uma dessas surpreendentes redenções. É uma narrativa extraída de um corpo de pesquisa sobre desenvolvimento infantil e de uma vida quase inteira de cuidadosa observação — por parte de um pediatra que já foi jovem e que se tornou, por obra da bênção e da sorte, um pai, um avô e, no fim, um conselheiro grisalho e tarimbado de crianças e famílias. Ao mesmo tempo científica e pessoal, a história é oferecida como um presente de encorajamento e esperança

Material com direitos autorais

para todos aqueles que criam, ensinam, protegem e cuidam de crianças, ou se preocupam com elas, assim como para as pessoas que desde a infância lutam para entender a origem de sua própria aflição com as diferenças humanas. Se a sua vida se assemelha à minha em qualquer grau, você já se inquietou incessantemente com o bem-estar e o futuro de seus filhos, e ponderou por muito tempo sobre como as tribulações e provações deles podem ter, de algum modo, origem em seus próprios infortúnios. Você provavelmente se emocionou com os triunfos e conquistas de seus filhos, viveu por seu afeto, orgulhou-se de suas realizações e se entristeceu com seus problemas e sofrimentos.

Quando nossa nora estava grávida do nosso primeiro neto, certa noite minha esposa Jill e eu fomos acordados do mais profundo sono pelo toque súbito e invasivo do telefone ao lado da cama e uma ligação de nosso filho, que falava a 4800 quilômetros de distância do Brooklyn, na cidade de Nova York. Sua jovem esposa, beirando o final do segundo trimestre de gestação, não conseguia dormir por causa de uma dor aguda e recorrente no flanco e na pélvis. A dor era intensa, e ambos estavam alarmados, especialmente porque eram novatos no ramo de bebês e gravidez.

Lutando para espantar o sono, Jill (que é enfermeira) e eu fizemos perguntas tentando montar um histórico médico meio nebuloso, mas razoavelmente minucioso da dor, para discernir com mais precisão sua localização, características e possível causa. A principal preocupação tácita, mas mútua, era o temor de que aquela dor sinalizasse o início precoce do trabalho de parto e a possibilidade de um nascimento prematuro de trinta e duas semanas, com todos os consequentes riscos para a mãe e a criança. Entretanto, à medida que ouvíamos informações mais detalhadas sobre a dor, ficamos razoavelmente confiantes de que

Material com direitos autorais

se tratava de uma tensão muscular, decorrente talvez de uma mulher pequena, com uma barriga de dimensões incomuns, virando-se abruptamente na cama. Asseguramos ao jovem casal que o mais provável era que a dor desaparecesse por si mesma e que uma bolsa térmica e repouso apressariam a resolução.

Depois de desligar o telefone, virei-me para Jill e, exausto, comentei que, por mais maravilhoso que fosse o fato de que nossos filhos tivessem encontrado seus companheiros e formado suas próprias famílias, isso acarretou o efeito imprevisto de duplicar o número de pessoas por quem perdíamos o sono de tanta preocupação. Embora tivéssemos passado quase trinta anos de intermitente desassossego e excesso de zelo com as complexidades das doenças e arranhões de nossos dois filhos, agora tínhamos mais três — uma nora, um genro e um feto de trinta e duas semanas — por quem também éramos obrigados a nos afligir![1] Com toda a alegria do mundo, mas ainda assim aflitos.

No entanto, em grande parte essas eram preocupações mundanas, relativamente corriqueiras — do tipo que são as minas terrestres normativas da simples tarefa de ser pai ou mãe: a criança de dois anos que corta o lábio ao cair tentando fazer xixi na pia; o menino de cinco anos que se sente solitário e desamparado em sua sala da pré-escola; o aluno do último ano do ensino fundamental que perde, em um único ano, cinco jaquetas e quatro cadeados de armário; o menino de doze anos que é intimidado pelo bullying de "amigos" que repetidamente o enfiam à força em uma lata de lixo; a menina de quinze anos que faz convites abertos para festas na casa dos pais em outra cidade, para duradouro aborrecimento e consternação deles. Estes são os delitos banais com que, cedo ou tarde, quase todos os pais se deparam na

Material com direitos autorais

criação dos filhos. Embora às vezes risíveis em retrospecto, são capazes de, no momento, gerar desgosto e estresse consideráveis.

Mas a dor de pais cujos filhos ficaram seriamente à deriva — perdendo-se no abuso de drogas, delinquência, depressão ou contato com pessoas destrutivas — é uma angústia de ordem totalmente diferente. Assistir a uma criança desgarrar-se perigosamente do rumo e começar a exibir os temidos e muitas vezes indeléveis sinais do afastamento de uma vida saudável é o tipo de apreensão parental que chega a ser uma dor quase física. É o "buraco no estômago", o pânico, o desespero ligeiramente nauseante de pavor que impede o sono, torna-se uma preocupação no trabalho e pode corroer até mesmo o mais firme dos casamentos por falta de comunicação, animosidade e decepção. Observar uma criança descambar para o território sombrio de graves problemas psicológicos, vício, fracasso escolar ou criminalidade é uma agonia quase indescritível. Apesar de nunca ter sentido esse nível de preocupação como pai, tive um encontro direto e absolutamente inesquecível com angústias desse gênero durante a maior parte da minha vida — por causa da minha irmã, sobre quem falarei mais nas páginas seguintes.

Entre as ambições mais veementes deste livro está oferecer consolo e esperança a essas "famílias" angustiadas: aos pais, professores, irmãos e outros que perderam sua confiança na promessa recuperável de um filho ou dos filhos; e para aquelas pessoas cuja crença na bondade e potencial inerentes de uma criança foi abalada. Pois, na história da figura de linguagem da qual este livro extrai seu enigmático título — a metáfora da orquídea e do dente-de-leão —, subjaz uma verdade profunda e muitas vezes útil sobre as origens da aflição e a redenção de vidas individuais. Em sua maioria, as crianças — em nossas famílias,

Material com direitos autorais

salas de aula ou comunidades — são mais ou menos como dentes-de-leão; elas vicejam e progridem em praticamente qualquer lugar onde são plantadas. Elas são a maior parte das crianças, cujo bem-estar é garantido pela resistência e força de sua compleição, assim como a planta dente-de-leão. No entanto, há outras crianças, que, mais parecidas com orquídeas, podem acabar murchando e desaparecendo quando não são tratadas com cuidados carinhosos, mas que — também como as orquídeas — podem tornar-se criaturas de rara beleza, complexidade e elegância quando encontram compaixão e bondade.

Enquanto a sabedoria convencional, mas sem dúvida insuficiente, afirma que as crianças são ou "vulneráveis" ou "resilientes" às provações que o mundo lhes apresenta, o que a nossa pesquisa e outras têm revelado cada vez mais é que o contraste vulnerabilidade/resiliência é uma falsa (ou, pelo menos, ilusória) dualidade. É uma dicotomia imperfeita que atribui fraqueza ou força — fragilidade ou vigor — a subgrupos individuais de jovens e obscurece uma realidade mais profunda, a de que as crianças simplesmente diferem, como orquídeas e dentes-de-leão, em suas suscetibilidades e sensibilidades às condições de vida que as rodeiam e lhes dão sustento. Em sua maioria, nossas crianças podem, como os dentes-de-leão, florescer em praticamente todas as circunstâncias mais severas e brutais, mas uma minoria de outras, a exemplo das orquídeas, ou florescem lindamente ou definham de forma decepcionante, dependendo de como as tratamos e as poupamos e cuidamos delas. Este é o segredo redentor que a história deste livro revela: que as crianças que falham e fracassam podem facilmente tornar-se aquelas que se revigoram e progridem de maneiras singulares.

Material com direitos autorais

Mas há outras razões pelas quais você, como leitor, possa querer examinar cuidadosamente a história científica que este livro conta. Talvez você seja um pai ou mãe às voltas com a decepcionante constatação de que, em seus esforços para criar de forma eficiente sua ninhada de filhos extraordinariamente diversificada, não há uma regra aplicável a todos. Talvez você tenha um filho com severas dificuldades na escola ou na vida, apesar de sua melhor intuição de que ele ou ela é um jovem notável e promissor. Ou, em vez disso, você pode ser um professor do ensino fundamental buscando, meio às cegas, a melhor maneira de entender o desorientador zoológico de crianças ao qual você é incumbido de ensinar (e controlar!). Ou pode ser que a metáfora da orquídea e do dente-de-leão traduza uma realidade pessoal que você mesmo sempre sentiu, mas nunca expressou nem compreendeu.

Nas próximas páginas, transmitirei descobertas científicas e conselhos práticos relevantes não apenas para a vida das orquídeas, mas também dos dentes-de-leão. Embora corram menos riscos do que as orquídeas, os dentes-de-leão têm seu conjunto exclusivo de traços fisiológicos e psicológicos, e a compreensão dessas características pode fornecer maiores doses de gerenciamento, sucesso e satisfação. E os dentes-de-leão enfrentam ainda os cruéis caprichos das circunstâncias e do acaso. Como sabemos por meio da observação das plantas na natureza, por mais que uma espécie possa ser saudável ou resistente, todas elas são suscetíveis a murchar e secar em qualquer momento de sua vida. Assim, embora este livro tenha como ponto de partida as suscetibilidades das crianças a seus mundos socioemocionais, nossas origens e sensibilidades continuam a nos moldar o tempo todo até a meia-idade e a velhice. Isso faz dos seres humanos uma espécie não

Material com direitos autorais

invulnerável, mas dotada de poderosas e recorrentes oportunidades de recuperação e renovação.

Nos capítulos a seguir, é minha intenção, modesta mas séria, propiciar conhecimento útil e assistência a um espectro diversificado de leitores. Analisaremos as *origens iniciais* da pesquisa relacionando estresse e adversidade ao desenvolvimento e à saúde mental da criança. Em uma franca admissão do caráter por vezes acidental e fortuito da descoberta científica, veremos como surgiram os primeiros lampejos de poderosas diferenças na sensibilidade neurobiológica aos contextos sociais. Descreverei o que se conhece a respeito das *origens desenvolvimentais* das orquídeas e dos dentes-de-leão, por que em uma mesma família nunca há dois filhos criados da mesma maneira e como o campo da *epigenética* está revolucionando nossa compreensão da cooperação gene-ambiente na determinação de quem somos e de quem nos tornaremos. Apresentarei uma síntese das evidências até o presente momento de todas as maneiras pelas quais as diferenças entre orquídeas e dentes-de-leão humanos desempenham um papel na preservação da saúde e na gênese de doenças crônicas, em realizações desenvolvimentais e conquistas educacionais, e em respostas positivas a intervenções preventivas. Examinarei o que se sabe sobre amar, apoiar e estimular uma orquídea — seja seu filho, seu aluno, seu paciente, ou até você mesmo — e como é possível fazer com que o esplêndido potencial de uma orquídea humana desabroche nos ambientes sociais que concebemos e criamos. Para as crianças orquídeas, o mundo é por vezes um lugar assustador e esmagador, mas, com ajuda amorosa, apoio e incentivo, elas podem, conforme descobrimos para nossa grande surpresa, se dar tão bem quanto seus pares dentes-de-leão, ou ter um desempenho ainda melhor. No fim, não é a vulnerabilidade, mas a

Material com direitos autorais

sensibilidade, que define a orquídea, e, quando recebe o amparo certo, essa sensibilidade pode florescer em vidas de grande alegria, sucesso e beleza.

Mapeando as características que definem a vida das orquídeas, refletirei também sobre aqueles de nós mais alinhados com o jeito de ser de um dente-de-leão, observando com atenção quanto esses indivíduos são essenciais e imprescindíveis para o que George Eliot chamou de "o crescente bem do mundo".[2] Embora distintos em várias dimensões, os dentes-de-leão enfrentam seu próprio quinhão de lutas e percalços na vida, o que será importante entender e definir. Também descobriremos que, subjacente às categorias úteis de "orquídea" e "dente-de-leão", está a verdadeira realidade de um continuum, um espectro de sensibilidades ao mundo, ao longo do qual todos nós temos um lugar. No final, será a extraordinária complementaridade de orquídeas e dentes-de-leão que quereremos manter e recordar: a utilidade, e muitas vezes o amor de uma categoria pela outra, a simetria e a reciprocidade de seus papéis sinfônicos no discurso e na história humanos e sua coevolução como soluções distintas, mas igualmente convincentes, para os profundos dilemas que a vida suscita.

Por fim, e numa escala mais ampla e global, vivemos agora em uma época de negligência recorrente — talvez sem precedentes em nossa existência — acerca do cuidado e da proteção das pessoas mais suscetíveis e desamparadas do mundo. Em um número cada vez maior de nações — talvez de forma mais visível e perturbadora na minha, os Estados Unidos —, os indefesos são intimidados e ridicularizados; os pobres são culpados por sua pobreza; os desabrigados são escarnecidos como preguiçosos e incapazes; refugiados da violência são repudiados; os humildes são ignorados; e os "irmãos mais aflitos e desvalidos" são

Material com direitos autorais

rejeitados e esquecidos. Há em curso um movimento global, e infelizmente acelerado, de virar as costas para as necessidades e precárias condições de vida das nossas pessoas mais marginalizadas, desassistidas e vulneráveis.

No entanto, mais ilustrativa das maiores preocupações deste livro é a realidade de que, em nossas sociedades, de todos os indivíduos que carecem de poder, *as crianças* são as mais sensíveis e suscetíveis; de todas as pessoas que se fiam de modo essencial na graça e na caridade para a sobrevivência, são elas as mais dependentes. São as nossas crianças, incapazes de prover para si mesmas e de ficar sozinhas sem contar com proteção ou ajuda, os seres mais vulneráveis às falhas e indiscrições das nações. Embora as crianças orquídeas sejam, como veremos nas páginas seguintes, especialmente responsivas e frágeis à maneira como tratamos e protegemos nossos jovens, na escala maior das sociedades e populações humanas, *todas as crianças* são as orquídeas do mundo.

Material com direitos autorais

1. Um conto de duas crianças

Milagroso
que flor surja
de flor,
iguais em beleza —
como se espelhos
de alguma perfeição
jamais pudessem ser
em demasia mostrados —
o silêncio as mantém
nesse espaço.
William Carlos Williams, "O cíclame carmesim"

Esta é a história de uma redenção: uma história de crianças que, como orquídeas e dentes-de-leão, diferem drasticamente em suas sensibilidades às condições ambientais; uma história que, de modo gradual mas constante, desenvolveu-se ao longo de 25 anos de pesquisa de campo e de laboratório; uma história em que o autor está profundamente envolvido, tanto em termos científicos quanto em aspectos pessoais, como um dos pesquisadores de cujo trabalho a história se originou, mas também como uma das crianças para quem a história tornou-se convincente e dolorosamente real muito antes de haver uma história a ser contada.

Material com direitos autorais

A história da orquídea e do dente-de-leão começa então com duas crianças ruivas, uma das quais era eu, nascidas em uma família californiana de classe média dos anos 1950, com uma diferença de idade de pouco mais de dois anos, e que viviam o que pareciam ser infâncias quase gêmeas e espelhadas. Ambas as crianças, que os pais criavam com todo o amor, esperança e animadas expectativas da geração do pós-guerra, e uma sendo o melhor e mais verdadeiro companheiro de brincadeiras da outra, eram indistinguíveis em termos de disposição e sensibilidade, até o ponto em que pode ser difícil perceber a diferença entre qualquer irmão e irmã. No entanto, em um decisivo momento de turbulência e desordem na vida coletiva da família, as duas crianças se separaram: uma tomou o caminho da realização educacional, de amizades profundas, de um casamento longevo e sólido e uma vida de boa sorte quase vergonhosa; a outra descambou para uma trajetória de desordem mental cada vez mais grave, solidão e degeneração em psicose e desespero.

Minha irmã mais nova, Mary, era uma menininha encantadora, de rosto sardento, que um dia amadureceu e se tornou uma moça de beleza física deslumbrante. Angelical quando criança, tanto nas feições quanto na constituição física, ela fascinava a todos que a viam e conheciam, com um sorriso rápido e repleto de covinhas, certa timidez e uma acuidade de pensamento visível por trás de seus jovens olhos azuis. Ela havia mudado seu nome de Betty para Mary no meio da adolescência, no que só poderia ter sido uma angustiada tentativa de apertar o botão de reinicialização de sua juventude que desvanecia, recomeçando com outro nome. No entanto, seu declínio em uma vida assolada pelo sofrimento e pela incapacidade mascarava uma extraordinária variedade de dons, muitas vezes ocultos, mas verdadeiramente excepcionais. Ela

Material com direitos autorais

tinha o olhar de um artista e uma habilidade quase intuitiva de conceber e criar ambientes físicos belos e cativantes. Em outra vida, poderia ter se tornado uma designer ou decoradora de renome, e ainda hoje muitas de suas queridas pinturas, cadeiras, bugigangas e lembrancinhas baratas ainda adornam as casas de seus irmãos, filha, sobrinhas e sobrinhos.

Mas o atributo mais formidável de Mary, e talvez o menos visível, era sua imensa inteligência, que se tornou cada vez mais evidente à medida que ela crescia e estudava, e que por fim acabou sendo recompensado por um bacharelado da Universidade Stanford e uma pós-graduação em Harvard. Ela era considerada por seus professores não apenas uma estudante diligente e promissora, mas uma jovem e talentosa acadêmica, cheia de insights incomuns e com uma mente luminosa. Era certamente o membro mais inteligente, criativo e hábil de nossa família, e seu irmão mais velho uma mera sombra de sua espantosa acuidade e visão. Claramente introvertida e tímida por inclinação e temperamento, no final da infância ela havia dominado a capacidade de conquistar a atenção e o afeto de outras crianças e de entabular amizades pessoais íntimas e gratificantes. Muitos de seus relacionamentos na escola primária foram levados consigo para a vida adulta, apesar da triste deterioração de sua saúde que logo se seguiria.

Assim, a menina de cachos ruivos que meus pais trouxeram para casa no meu terceiro ano de vida tornou-se a minha primeira e melhor amiga, a companheira duradoura, sempre disponível, com quem eu passava longas horas em jogos, elaboradas narrativas e elegantes fantasias. Raramente nos cansávamos da companhia um do outro, inventávamos intermináveis histórias colaborativas de aventuras e intrigas de faz de conta e alimentávamos nossas fantasias de jogos mágicos e brincadeiras imaginárias. Fiquei maravilhado com sua

Material com direitos autorais

inventividade quando ela conseguiu, durante uma inesquecível soneca, enfiar uma caixinha inteira de passas no nariz, uma por uma, uma desventura que resultou em uma visita ao consultório médico. Lá ela foi magnificamente esvaziada de um bocado de passas pegajosas de muco, graças a uma pinça longa e brilhante que desaparecia de forma impossível nas profundezas do nariz de pug de uma criança de três anos de idade. Em recorrentes ocasiões eu expressava em alto e bom som a minha indignação com a propensão que Mary tinha de sempre ficar enjoada nas nossas longas viagens de carro, quando de modo infalível ela vomitava no assento entre nós, uma vez em mim mesmo, e certa feita, em um episódio mais imperdoável, em minha estimada "casinha de índio" (que ela chamava assim porque não conhecia as palavras "tenda" nem "oca indígena"). Eu me preocupava com sua segurança, e uma vez corri para ajudá-la na praia quando, entalada em uma boia circular inflável muito apertada na cintura, ela acabou virando e, de ponta-cabeça, transformou-se em um flutuador invertido, bumbum e pernas sacudindo no ar, e um chafariz esguichando água do mar quando foi endireitada. Ela e eu éramos tanto amigos quanto irmã e irmão, uma parceria de iguais em brincadeiras sublimes, barulhentas e sem limites, poucas regras e uma devoção mútua à imaginação ultrajante. Embora eu não pudesse ter dito isso na época, eu a amava de verdade, tanto quanto uma criança de cinco anos é capaz de amar a irmã, e ela me amava.

Quando nosso irmão caçula chegou, quase uma década depois do nascimento de Mary, nós nos deliciamos juntos nas alegrias da grande fraternidade conjunta e nos unimos a nossos pais em uma desavergonhada veneração por aquela criança inesperada e ruiva. Um cartão de Natal de 1957, no segundo mês de vida de nosso irmão Jim, capta essa ternura familiar física envolvente, que desde então passou a

Material com direitos autorais

ser eternamente referida como "Cartão da Adoração dos Reis Magos". Mary e eu nos tornamos ainda mais próximos por meio da nossa alegria compartilhada, às vezes competitiva, mas sempre atrelada ao advento de um novo irmãozinho. À medida que nossa mente e nosso corpo começavam a mudar com o início da puberdade, entramos na adolescência com o relacionamento mais próximo e carinhoso que irmãos poderiam ter — abundante em histórias, impregnado de amor à família e cheio de uma sensibilidade partilhada sobre a natureza do mundo e o caráter e propósito de nossa vida.

E então o mundo desabou. Nossa família mudou-se oitocentos quilômetros para o norte, para a área da baía de San Francisco, onde nosso pai faria doutorado em educação em Stanford, claramente a essa altura um "estudante maduro". Nos meses que antecederam a decisão de partir, ele tinha entrado em profunda depressão, sofrendo o que, na linguagem da época, era chamado de "colapso nervoso", que miseravelmente o prendia ao sofá da sala durante dias a fio. Impedindo-o de trabalhar, a depressão o anulou e o condenou a um visível e inquietante apagamento de emoção, com lágrimas ferozes e incertezas quanto ao futuro. Ainda assim, nós nos mudamos para o norte, onde todos os ambientes sociais, físicos e pedagógicos que conhecíamos desapareceram. De súbito estávamos boiando em um mar de novidades, apreensivos e consternados diante de paisagens sociais e geográficas desconhecidas. O bairro em que brincávamos agora não constava em nosso mapa, era completamente estranho; as escolas que frequentávamos eram povoadas por uma vasta multidão de crianças sem nome; e até mesmo nossa família sentia-se à deriva, sem rumo e desancorada nessas águas novas e tempestuosas.

Material com direitos autorais

Mary e eu entramos em escolas que nos eram estranhas, e um ou dois anos depois ambos havíamos encontrado o território inimigo ainda mais estranho dos anos finais do ensino fundamental. Preocupada com as exigências de cuidar de um recém-nascido, nossa mãe fazia o possível para amenizar o golpe de como nossos jovens mundos haviam virado de cabeça para baixo, mas seu próprio esteio, nosso pai, estava imerso em um crescente vórtice de estudos de pós-graduação e obrigações de doutorando. O agitado casamento de nossos pais, perenemente perturbado por discórdia e desavenças — por causa de orçamentos familiares, disciplina dos filhos, vontades conflitantes e deslizes imaginários —, deu uma sinistra guinada rumo a brigas mais sérias e físicas. Dois avós amados e dois tios morreram; nós nos mudamos uma segunda vez para uma nova casa mais perto do campus de Stanford; e nosso pai, tendo concluído o seu curso, assumiu um novo emprego, ainda mais exigente e desafiador.

Nenhum desses eventos amontoados em rápida sucessão na vida de uma jovem família prestes a entrar na década de 1960 era singularmente oneroso ou mesmo excepcional por sua gravidade ou perniciosidade. Na verdade, muitas famílias enfrentam rotineiramente rupturas e estressores de igual ou maior magnitude e abrangência, e algumas já suportaram adversidades indescritíveis a que apenas seus membros mais afortunados sobrevivem. Mas o acúmulo desses múltiplos eventos, ainda que triviais, provou-se gravemente traumático para minha irmã. Na esteira da segunda mudança de residência de nossa família e depois de ser matriculada em uma escola local nos últimos anos do ensino fundamental, ela desenvolveu uma doença física grave e sistêmica, que durante vários agonizantes meses ninguém conseguiu identificar. As febres recorrentes, as erupções cutâneas em todo o corpo que iam e

Material com direitos autorais

vinham e o inchaço do baço e dos nódulos linfáticos eram, a princípio, sugestivos de leucemia ou linfoma, acarretando uma série de hospitalizações e exames dolorosos e invasivos. Mas, no fim das contas, quando suas articulações começaram a doer e inchar, a enfermidade tornou-se reconhecível como a doença de Still, uma patologia excepcionalmente grave de artrite reumatoide juvenil. Nossos pais tiraram Mary da escola, e ela passou um ano inteiro em repouso na cama, tratada com aspirina, esteroides e alternância de calor e frio para afrouxar e acalmar suas articulações irritadas. Como irmão mais velho, assisti, atordoado e inquieto, à vida da minha irmã se desfazer em um quarto no final do corredor. Embora continuasse a ter artrite recorrente pelo resto da vida, no final do ano ela já havia se recuperado o suficiente para voltar à vida normal.

Infelizmente, porém, a vida normal não retornou a ela. Em vez disso, no rescaldo de sua doença reumatológica crônica, Mary começou a mostrar sinais de algo errado em sua mente. Ela parou de comer e perdeu peso, afastou-se dos amigos e por fim foi diagnosticada com anorexia nervosa, um distúrbio alimentar que afeta desproporcionalmente meninas adolescentes. Ela voltou um sem-número de vezes ao hospital para terapia e alimentação forçada, foi matriculada em diversos internatos, o que seus psiquiatras achavam que pudesse ser terapêutico, mas continuou a degringolar em um turbilhão de depressão, insônia, isolamento e retirada do convívio social e comportamento e pensamento cada vez mais insólitos. No final do ensino médio, ela carregava a devastadora suspeita de um diagnóstico de esquizofrenia — possivelmente a pior notícia médica que os pais podem ouvir, talvez sobrepujada apenas pela morte de um filho.

Material com direitos autorais

Não obstante, o brilho intrínseco de Mary a levou adiante em uma promissora, embora precária, admissão no programa de graduação em Stanford, onde, apesar das recorrentes batalhas com sua saúde mental, ela continuou a sobressair de maneiras anormalmente espetaculares. Olhando em retrospecto, seus quatro anos de faculdade emolduraram a auspiciosa paisagem de uma ascendente carreira de sucesso acadêmico ao lado de um horizonte de íngreme e escarpada queda nos meandros de uma mente perturbada e angustiada. Após a formatura e um breve e incompleto período de estudos em uma faculdade de direito em San Francisco, ela foi aceita no programa de mestrado na Escola de Teologia de Harvard (Harvard Divinity School). Lá, Mary esperava estudar experiências religiosas pessoais e suas semelhanças e convergências com sintomas psiquiátricos. No entanto, seus próprios sintomas psicóticos — principalmente ouvir vozes hostis e venenosas e sofrer períodos de catatonia, quando era incapaz de se mexer ou falar — agravaram ainda mais a sua debilidade. Ela foi internada várias vezes em uma clínica psiquiátrica local, envolveu-se em uma série de encontros de uma única noite sexualmente promíscuos e, por fim, ficou grávida. A gravidez culminou em um parto difícil e demorado, e sua filha, agora uma doce mulher de 39 anos com necessidades especiais, nasceu com asfixia no parto e crises convulsivas. A despeito dos óbvios desafios de criar uma criança com deficiência enquanto se lutava com as próprias limitações graves e perturbadoras, Mary era uma mãe atenciosa e responsiva, que educou a filha em uma atmosfera de amor e atenção. Contudo, o distúrbio mental continuou a causar estragos e desespero à minha irmã, cuja vida adulta tornou-se uma montagem cada vez mais implausível de ruínas fragmentadas, mantida de pé, ainda que marginalmente, pela tenacidade de sua família e sua resoluta relutância em se render.

Material com direitos autorais

O QUINHÃO NÃO ALEATÓRIO DE DOENÇAS E INFORTÚNIOS

Por que algumas crianças pelejam e outras são bem-sucedidas? Por que a vida de algumas pessoas é preenchida por uma sequência de infortúnios e outras, por satisfação e felicidade? Por que algumas pessoas adoecem e morrem jovens, ao passo que seus pares chegam à velhice saudáveis? É simplesmente acaso e sorte, ou há padrões iniciais de desenvolvimento revelando caminhos legítimos para a recompensa ou a calamidade? Por que a vida da minha irmã a destinou rumo ao crescente desespero e a uma lenta e duradoura catástrofe, enquanto a minha levou a êxitos imprevistos e muitas vezes excessivos? Essas foram as perguntas que incendiaram minha imaginação e inspiraram minha formação educacional quando eu era um jovem pediatra e, finalmente, impulsionaram minha busca para compreender as nítidas divergências no desenvolvimento infantil e na saúde pediátrica que moldam os adultos que nos tornamos e a vida que levamos.

Sabemos agora, a partir da ciência da epidemiologia — o estudo das doenças e da saúde no âmbito das populações humanas —, que há, de fato, padrões confiáveis e altamente desiguais de doença e bem-estar. O gráfico a seguir ilustra a descoberta mais bem reproduzida em todo o conjunto de pesquisas sobre serviços de saúde, um fato que impulsionou fundamentalmente a forma como pensamos sobre os desafios da ciência da saúde da população. Entre 15% e 20% das crianças — cerca de uma criança em cada cinco — experimentam a maioria de todas as doenças físicas e psicológicas encontradas em uma população de crianças no decorrer do tempo.

A mesma proporção de uma criança em cada cinco é responsável por mais da metade dos cuidados de saúde consumidos e pela maior parte dos gastos em serviços de saúde. Além disso, a mesma desproporção na

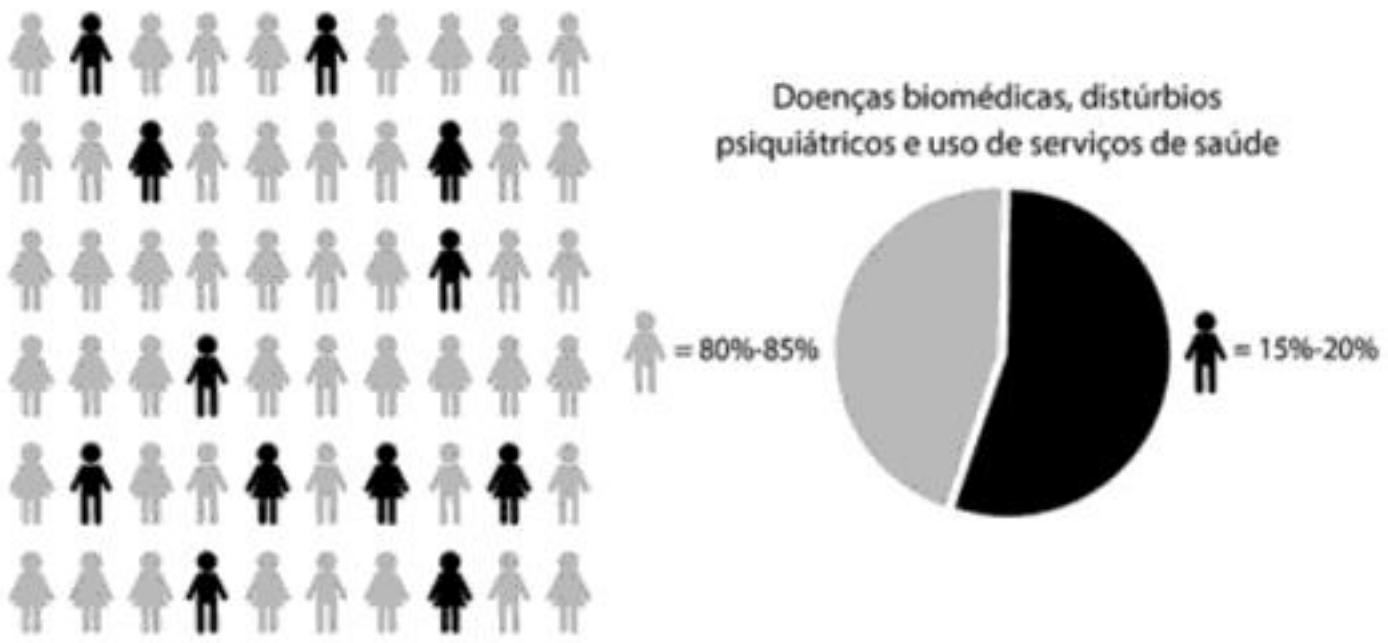
Material com direitos autorais

incidência de doenças é verificada em populações adultas, e há evidências de que crianças com índices desequilibrados de saúde debilitada tornam-se adultos assolados de maneira semelhante pelo mesmo tipo de problema. As mesmas crianças sobrecarregadas com fardos exorbitantes de doenças na infância tornam-se adultos que também sofrem de maneira desproporcional. O fato extraordinário é que tudo isso parece igualmente verdadeiro para crianças do mundo inteiro: de nações ricas e pobres, tanto em sociedades socialistas quanto capitalistas, em todos os continentes, tanto do Oriente quanto do Ocidente, dos hemisférios Norte e Sul. A importância dessas observações para a saúde pública é clara: se pudéssemos entender e examinar a incidência desigual de doenças dessa pequena minoria de crianças, talvez tivéssemos uma chance de eliminar mais da metade das doenças biomédicas e psiquiátricas na população, e poderíamos reduzir drasticamente as dispendiosas necessidades relativas aos cuidados com a saúde e hospitalização. Em outras palavras, talvez fôssemos capazes de criar sociedades mais equilibradas, repletas de pessoas mais felizes e saudáveis. Poderíamos fomentar o surgimento de famílias mais fortes, com menos dificuldades físicas e psicológicas, e propiciar a pais e filhos um futuro de maior esperança e otimismo.

Portanto, a saúde debilitada das crianças e a posterior morbidade dos adultos estão longe de ser aleatórias em termos de distribuição. Em vez de serem dispostas de maneira uniforme e mais "justa" por todo o espectro da população infantil, as doenças são rateadas de forma irregular entre apenas alguns poucos aflitos, caso da minha irmã e tantos outros. Por causa disso, há sistemáticas e amplas diferenças nas taxas de doenças entre os subgrupos de crianças, e essa acentuada irregularidade parece não ser impulsionada apenas pela natureza (isto é, genética) nem

Material com direitos autorais

pela criação (quer dizer, experiências e exposição ao ambiente), mas sim por um interação contínua e sistemática entre natureza e criação: em outras palavras, por interações gene-ambiente. No devido tempo, a compreensão dessas interações nos levará à vanguarda da emergente ciência da epigenética, e além dela. Mas, primeiro, siga-me de volta às nossas primeiras sugestões de *por que* a saúde infantil é tão desalinhada nos grupos de crianças e *quem* são as crianças desafortunadas e desproporcionalmente doentes. *



A descoberta mais bem reproduzida nas pesquisas sobre serviços de saúde: 15% a 20% das crianças – cerca de uma criança em cada cinco –, em qualquer população, apresentam mais da metade de todas as doenças físicas e distúrbios psicológicos de uma população e são responsáveis pela maior parte do uso que uma população faz dos serviços de saúde.

Embora eu seja cético em relação a tipologias de crianças ou contrastes excessivamente simplistas, meus colegas e eu descobrimos, em um extenso programa de pesquisa, que as crianças apresentam padrões muito diferentes de respostas biológicas internas aos seus ambientes. Em uma breve descrição do que, conforme veremos mais tarde, a ciência mostra, podemos sugerir que essas respostas se

Material com direitos autorais

encaixam em duas categorias distintas. Algumas crianças, como os dentes-de-leão, mostram uma notável capacidade de progredir em quase todas as circunstâncias ambientais em que se encontram. As flores de dente-de-leão podem aparentemente crescer e prosperar em qualquer lugar aonde as sementes cheguem — de férteis prados de montanha a rachaduras em calçadas urbanas. Outras crianças, como as orquídeas, são extremamente sensíveis aos seus ambientes, o que as torna especialmente vulneráveis sob condições de adversidade, mas extraordinariamente cheias de vida, criativas e bem-sucedidas em ambientes favoráveis e estimulantes.

Crianças orquídeas e dentes-de-leão: a origem dessas metáforas está em minha breve interação, quase vinte anos atrás, com um senhor sueco que assistiu a uma palestra que proferi na Universidade Stanford. Assim que terminei minha fala, um homem mais velho, mirrado, com aspecto de Yoda, as sobrancelhas grossas e uma bengala retorcida feito uma raiz, desceu lentamente pelo corredor até a frente do auditório, apontou e brandiu sua assustadora bengala na minha direção e disse: "Você está falando de *maskrosbarn*!". Respondi que eu não fazia ideia de que estava falando sobre *maskrosbarn*, tampouco tinha ideia do que era um *maskrosbarn*. *Maskrosbarn*, explicou ele, é uma expressão idiomática sueca que se traduz como "criança dente-de-leão". Os suecos usam o termo para se referir àquelas crianças que, como a planta dente-de-leão, conseguem vicejar onde quer que se encontrem — uma espécie de ilimitada capacidade de "florescer onde se está plantado". Instigado por essa figura de linguagem encantadora e evocativa, cunhei um neologismo sueco — *orkidebarn*, ou "criança orquídea" — para caracterizar aquelas crianças que, assim como a orquídea, são extremamente suscetíveis ao caráter de seus ambientes e podem

Material com direitos autorais

florescer na forma de organismos magníficos quando recebem cuidados carinhosos, mas acabam murchando e se deteriorando quando negligenciadas ou feridas.

As crianças orquídeas, mais sensíveis e biologicamente reativas às circunstâncias, tanto no laboratório quanto no mundo, são a fonte de grande parte de nossa angústia, pesar e preocupação coletivos, como pais, professores e profissionais da saúde. Quando não são compreendidas e apoiadas da maneira adequada, essas crianças — e seus análogos adultos, que são os amigos e colegas com os quais nos preocupamos com frequência — podem gerar muita dor, tristeza e desapontamento para as famílias, escolas e sociedade.

HISTÓRIAS DE ORQUÍDEAS E DENTES-DE-LEÃO

Duas histórias com crianças são muito bem representativas dos desafios que as crianças orquídeas enfrentam. A primeira envolveu Joe, um menino de dez anos de um condado distante e cujo médico de família encaminhou para internação, a fim de que fosse avaliado quanto a uma possível úlcera gástrica. Como pediatra de plantão, fui um dos primeiros a ouvir sua história e examinar sua problemática barriga. A dor que o menino estava sentindo manifestava-se na forma de contorções parecidas com severas cãibras, diretamente na parte de cima da barriga, no quadrante superior esquerdo de seu abdome. Ele não apresentava outros sintomas e negava especificamente qualquer alteração ou presença de sangue nas fezes, vômitos ou qualquer variação da dor antes ou depois de uma refeição. O resultado da investigação diagnóstica, incluindo radiografias, exames de sangue nas fezes e urina e medições sanguíneas de inflamação ou anemia, era totalmente normal.

Material com direitos autorais

Por julgar que pudessem ser episódios de dor psicossomática causados por dificuldades na família, iniciei uma minuciosa e completa investigação em busca da disfunção familiar ou escolar que certamente era um fator contribuinte para a dor incapacitante do jovem Joe. Tudo ia bem na escola e, embora Joe quase sempre ficasse em casa em consequência de sua dor, não havia histórico que sugerisse experiências de estresse social ou acadêmico em sua vida escolar. Ele tinha bons amigos, era um estudante talentoso com boas notas e se dava bem com o professor. Então entrevistei Joe longamente, em várias ocasiões, sobre como estavam as coisas em casa, sobre o relacionamento de seus pais, sobre quaisquer possíveis abusos ou maus-tratos por parte do pai ou da mãe ou de ambos, sobre quaisquer eventuais preocupações ou problemas que sua família tivesse. O resultado foi um retumbante *zero*: nenhuma menção a algo incomum ou suspeito em seu relato.

Em seguida voltei a atenção para seus pais — ambos presentes e atenciosos durante todo o período de hospitalização. Havia alguma preocupação ou inquietação da parte de Joe com relação ao pai e à mãe? Como era o relacionamento conjugal dos dois? O menino testemunhava algum episódio de violência ou conflito? Eles tinham algum palpite sobre a origem da dor do filho? Nada. O pai e a mãe do menino, talvez em três ou quatro entrevistas em sequência, não trouxeram à baila nenhuma questão psicológica ou relacional que pudéssemos considerar implicada na gênese da dor de Joe. Então começamos a ministrar, apesar de não haver absolutamente nenhuma evidência de úlcera gástrica ou duodenal, um medicamento bloqueador de ácido, e a dor de Joe prontamente começou a diminuir. Depois de vários dias no hospital, e com a dor arrefecendo, o menino recebeu alta e voltou para casa, onde ficaria aos cuidados de seu médico de atenção primária.

Material com direitos autorais

Só voltei a ter notícias de Joe e sua família três meses depois, quando recebi um telefonema do escritório do promotor distrital do condado onde eles residiam. "O senhor tem algum motivo para suspeitar de violência ou maus-tratos por parte do pai de Joe? Porque "ontem à noite depois do jantar" a mãe dele foi até o quarto, pegou uma arma escondida e meteu uma bala na testa do marido, exatamente entre os olhos." Meses depois, um júri absolveu a mãe, alegando homicídio justificável decorrente do implacável abuso psicológico e físico infligido pelo pai à mãe e ao filho. A mãe finalmente havia chegado a um ponto sem volta, quando seu único recurso, pareceu-lhe à época, era dar fim à vida do marido, que durante anos atormentara ela e seu filho. Eu tinha deixado passar despercebida essa parte decisiva da história da família em virtude do fato de que em nenhum momento entrevistei o pai e a mãe separadamente, apenas ao mesmo tempo. Não havia marca visível de violência ou abuso infantil no exame físico, e Joe e a mãe, apavorados com a represália que certamente se seguiria a uma revelação de abuso, não foram capazes, uma vez que o pai estava constantemente presente, de me fornecer aquele detalhe essencial sobre a situação da família. Em retrospecto, era quase certo que Joe era um exemplo clássico de criança orquídea — atolado em meio ao terror esmagador sentido pela mãe e sobrecarregado pelas ameaças que ele próprio recebia, psicologicamente indefeso com relação aos sentimentos que os maus-tratos produziam e, inconscientemente, deslocando a dor para sua única forma segura e aceitável, uma desagradável sensação corporal. A história de Joe também é um lembrete de como todos nós vivemos, de um jeito ou de outro, à beira de um grande infortúnio, presos entre a segurança inquietante da natureza dissimulada e a terrível verdade de um mundo real e perigoso.

Material com direitos autorais

Uma segunda história do que é ser uma criança orquídea está no retrato de dois meninos no trabalho artístico de uma fotografia inesquecível e um livro atemporal. É importante ressaltar que ambas as "imagens" também começam a sugerir outra dimensão das crianças orquídeas – suas forças ocultas e sensibilidades incomuns. Uma, cuja imagem (veja a seguir) foi capturada em uma tarde de 1988 pelo fotógrafo Paul D'Amato, apareceu na capa da revista *DoubleTake*. Uma criança de cerca de dez anos de idade está de pé em primeiro plano, vestindo uma camisa azul amarrotada, os braços cruzados, inatacável, olhando para a direção oposta de um grupo caótico e vagamente agressivo de garotos pré-púberes com aparência feroz. Para mim, a fotografia sempre foi uma representação física quase perfeita de uma criança orquídea e os ambientes sociais que essas crianças às vezes enfrentam. A criança está calma, senciente, e se expõe abertamente, ao mesmo tempo vulnerável e forte, às margens de uma sociedade de pares irritada e estilhaçada. A imagem parece transmitir uma espécie de paradoxal coocorrência da impassível e indiferente marginalidade do menino para com o grupo e um caldeirão transbordante de emoções, combinando solidão, vulnerabilidade, reserva e resiliência.

Material com direitos autorais

O retrato visual que o fotógrafo Paul D'Amato fez representando como se comporta um menino orquídea (em primeiro plano) com um grupo de outros garotos em um terreno baldio em Portland, Maine.

É o mesmo tipo de imagem quimérica que William Golding expressou em palavras, em vez de pixels, em seu romance de formação e de inocência perdida *O senhor das moscas*. No livro, encontramos um dos protagonistas infantis, Simon, que se vê perdido em uma ilha, em um tempo de guerra, com um grupo cada vez mais malévolo de estudantes britânicos cujo avião foi abatido sobre um território inimigo desconhecido. Os meninos gradualmente adquirem a consciência de um pavor coletivo, de um "bicho" sombrio escondido além das margens de

Material com direitos autorais

sua percepção sensorial. Certamente uma criança orquídea abandonada em um mundo estranho, Simon é descrito de diversas maneiras:

Ele era um menininho magro e cheio de vivacidade, com um olhar que irrompia de sob uma franja de cabelo liso escorrido. [...][1]

Simon sentia uma perigosa necessidade de falar, mas falar para uma plateia era uma coisa terrível para ele. [...]

"Talvez", disse ele, hesitante, "talvez haja um bicho." [...]

O grupo reunido gritou com selvageria e Ralph se levantou, espantado.

"Você, Simon? Você acredita nisso?"

"Não sei", disse Simon.

As batidas do coração sufocavam-no. [...]

Simon perdeu a fala, no seu esforço de exprimir o mal essencial da humanidade.

Embora tanto o menino de camisa azul de D'Amato como o Simon, de Golding, sejam encarnações icônicas da vulnerabilidade das crianças orquídeas, ambos são também retratos das forças extraordinárias e muitas vezes não reveladas dessas crianças. Essas são as crianças de cuja presença terna e corajosa precisamos muito em nossas comunidades e sociedades. Elas podem ser, como ensinou o terapeuta familiar Salvador Minuchin, o "paciente identificado" que é sacrificado por uma família disfuncional e abusiva.[2] Em outras palavras, a responsividade dessas crianças as leva a absorver emocional e fisiologicamente o custo de suas circunstâncias deletérias. Como vimos na história de Joe e sua família, os pacientes identificados — quase sempre, mas não de modo universal — tornam-se, no âmbito de sistemas familiares complicados e debilitados, uma espécie de "figura de Cristo" metafórica que "morre"

Material com direitos autorais

pela família, carregando o fardo de sofrimento e dor dos familiares como meio de assegurar a sobrevivência e a imutabilidade de sua disfunção triste mas compulsória. Mas uma criança orquídea também pode ser uma fonte de insights, pensamento criativo e virtude humana. O que meus colegas e eu descobrimos, ao longo de 25 anos de pesquisa, é que as mesmas sensibilidades extraordinárias, biologicamente inerentes, que tornam essas crianças tão indevidamente suscetíveis aos perigos e adversidades da vida também fazem delas mais receptivas aos dons e promessas de vida. Aí reside um segredo intrigante e vivificante: *as orquídeas não são dentes-de-leão imperfeitos*, mas um tipo diferente e mais sutil de flor. Nos limites das adversidades e fragilidades das orquídeas residem uma força inimaginável e uma beleza redentora.

As orquídeas — tanto as crianças orquídeas quanto os adultos que elas se tornam — muitas vezes suportam, nas famílias, nas escolas e na vida, ameaças das quais outras pessoas são apenas levemente conscientes. Como suas flores homônimas, essas crianças são dotadas de uma sobrecarga de primorosa sensibilidade em relação ao mundo habitado e vivo e, também como as orquídeas, têm fragilidades que podem ameaçar sua existência e saúde, bem como habilidades ocultas para levar uma vida de beleza, honestidade e realização admiráveis. Não nos enganemos, no entanto, julgando que essa sensibilidade *interna* ao mundo poderia suplantar ou anular as ameaças e perigos *externos* que conhecemos da longa experiência — as exposições tóxicas à pobreza e ao estresse, guerra e violência, racismo e submissão, toxinas e patógenos. A força e a saúde tanto das orquídeas como dos dentes-de-leão são comprometidas por causa dessas e de muitas outras ameaças do mundo, e a pobreza na infância continua sendo o mais poderoso determinante de problemas de saúde para toda a expectativa de vida humana.[3] Mas a

Material com direitos autorais

suscetibilidade diferencial das orquídeas — isto é, suas sensibilidades especiais — a essas ameaças supera sistematicamente a dos dentes-de-leão.[4]

Não são as desigualdades das exposições ambientais, tampouco as suscetibilidades das diferenças genéticas, que, isoladamente, criam os profundos desequilíbrios entre dentes-de-leão e orquídeas em termos de doenças, transtornos e infortúnios da vida. Em vez disso, esses desequilíbrios são produtos interativos de ambientes e genes operando juntos — uma realidade científica emergente à qual retornaremos de forma efetiva em um capítulo posterior. Ainda que tanto os ambientes como os genes desempenhem um papel importante no aparecimento de crianças orquídeas e dentes-de-leão, sabemos agora que suas interações, nos níveis molecular e celular, calibram um aspecto fundamental e decisivo da biologia dessas crianças: até que ponto elas são reativas e sensíveis com relação aos ambientes em que crescem e se desenvolvem.

Embora meu interesse *científico* pelas trajetórias extraordinariamente distintas do desenvolvimento e da saúde das crianças tenha sido norteado por estatísticas e dados, meu investimento *pessoal* na ciência tem suas raízes mais profundas nas espantosas divergências de rumo de vida entre mim e minha irmã Mary. Duas vidas que tinham pontos de origem e trajetórias iniciais tão paralelas levaram a fins tristemente diferentes. Eu fui o dente-de-leão e ela, a orquídea.

Portanto, é um conto de duas crianças — as histórias profundamente entrelaçadas de um futuro pediatra e sua irmã, Mary — que cria para os leitores o portão de entrada a uma nova ciência, descrevendo e, até certo ponto, explicando de que modo as crianças de uma mesma família podem seguir caminhos de vida tão divergentes. Embora a delicada sensibilidade de minha irmã contivesse a possibilidade de excelência e a

Material com direitos autorais

promessa de realizações muito além das minhas, ela foi derrotada pelas tragédias e tristezas da vida, que a impediram de florescer por completo. Ao enfrentar as realidades da discórdia familiar, decepção, perda e morte, minha irmã tropeçou no terreno pedregoso para o qual seu irmão dente-de-leão era em grande medida impermeável. E assim como o dente-de-leão não tem o direito legítimo de reivindicar crédito pessoal pela resiliência que demonstra em face de tais realidades, Mary não teve nenhuma responsabilidade privada pela desordem para a qual sua triste vida por fim descambou. Criada em uma época diferente ou em uma família diferente, ela poderia ter se tornado uma pregadora talentosa, uma teóloga célebre ou a líder de um movimento espiritual redentor capaz de tocar milhares de vidas. Poderia ter levado uma vida magnífica, plena de alegria e celebração, repleta de atos de grande bondade e ideias de grande relevância. E se ela tivesse encontrado seu caminho, por meio de algum milagre de proteção, de modo a percorrer essa redimida e abundante trajetória de vida, ninguém teria adivinhado que a possibilidade de calamidade estava tão perto do outro lado.

---

* Para aqueles leitores menos sobrecarregados com os arcanos de termos biomédicos, como "morbidade", "interação gene-ambiente" e "epigenética", há um glossário no final deste livro.

Material com direitos autorais